

AS FLORES DE FERRO: empoderamento feminino pelo tráfico de drogas

Fabiana Soares Costa da Silva

Bacharel em Serviço Social – Faculdade de Duque de Caxias

E-mail: bya.soares.2013@gmail.com

Renata Aparecida de Souza Costa

Bacharel em Serviço Social – Faculdade de Duque de Caxias

E-mail: ra345728@gmail.com

Salvatore B. Benvenuto

Mestre em Ciência Política – UFRJ

Bacharel em Ciências Sociais – UFRJ

Docente do Curso de Serviço Social da Faculdade de Duque de Caxias

E-mail: sal1rj@gmail.com

Resumo: O presente trabalho busca investigar os motivos pelos quais cada vez mais mulheres têm entrado para o mundo do tráfico de drogas. Nesse sentido, propomos que todos os contextos, sejam eles sociais, políticos ou econômicos, sejam levados em consideração quando se tratar desse problema. Para a pesquisa qualitativa foram realizadas entrevistas, com questionário contendo perguntas semiestruturadas, a 7 (sete) mulheres moradoras da comunidade Parque das Missões, no Município de Duque de Caxias (RJ). A análise dos dados da pesquisa trouxe elementos que caracterizam a realidade dessas mulheres na Baixada Fluminense, seja pelo envolvimento com homens associados ao narcotráfico, pela influência de familiares ou pela necessidade de dinheiro rápido. Há sintomas de que essas mulheres foram vulnerabilizadas socialmente desde seu nascimento por sua cor, educação precária, seu meio e sua classe social.

Palavras-chave: Criminalidade. Empoderamento feminino. Tráfico de drogas.

Abstract: The present work seeks to investigate the reasons why more and more women have entered the world of drug trafficking. In this sense, we propose that all contexts be they, social, political or economic must be taken into account when dealing with this problem. For the qualitative research, seven (7) women living in the *Parque das Missões* community, in the municipality of Duque de Caxias (RJ), were interviewed with a questionnaire containing semistructured questions. The analysis of the research data brought elements that characterize the reality of these women in the *Baixada Fluminense*, either by involvement with men associated with drug trafficking, by the influence of relatives or by the need for fast money. There are symptoms that these women have been socially vulnerable since birth because of their color, precarious education, their environment and their social class.

Keywords: Crime. Female Empowerment. Drug Trafficking.

1 – INTRODUÇÃO

Você não vai me humilhar, você não vai gritar comigo, você não vai me submeter, você não vai me bater, você não vai me denegrir, você não vai me obrigar, você não vai me silenciar, você não vai me calar. Não submissa nem obediente, mulher forte insurgente, independente e corajosa, quebrar as cadeias da indiferença, não passiva nem oprimida, mulher bonita que dá vida, emancipada em autonomia, antipatriarcal e alegria. (*Antipatriarcal*; BIJOUX, 2014: S/P)

Esta pesquisa toma forma a partir do exercício de escuta de mulheres envolvidas no tráfico de drogas. É fundamental compreender a importância do tema, (visto que o tráfico de drogas constitui uma das principais razões para a prisão de mulheres) à medida que diversas pesquisas abordam a notável emergência de estudos voltados a temática do aumento da criminalidade feminina (CORTINA 2015).

Trouxemos à tona a questão do tráfico de drogas por ser um dos delitos mais praticados por mulheres (BARCINSKI, 2012; ZALUAR, 1993; MISCIASCI, 2010). As comunidades de periferia do Rio de Janeiro são uma representação dos altos riscos sociais que o tráfico de drogas traz a sociedade. Este também se constitui um dos delitos pelos quais muitas mulheres são julgadas, em grande escala, pela justiça criminal do Rio de Janeiro.

No ano de 2014 foi elaborado um relatório denominado Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN MULHERES- Relatório Nacional do Levantamento de Informações Penitenciárias disp. em: <http://www.justica.gov.br/news/estudo-traca-perfil-da-populacao-penitenciaria-feminina-no-brasil/relatorio-infopen-mulheres.pdf>). Segundo os dados, o Brasil já contava com uma população de 579.7811 pessoas custodiadas no Sistema Penitenciário, dentre os quais 37.380 eram mulheres e 542.401 homens. O presente relatório já apontava para o crescente número de mulheres presas em decorrência de envolvimento com o tráfico de drogas. O documento também chama a atenção para o fato de que maior parte das prisões era efetuada por serviços de transporte de drogas e comércio informal.

Muitas alegam que sem dinheiro e sem oportunidades, “foram pras cabeças”. Nas mais diversas histórias, as que mais se assemelham, (sendo a grande parte), vêm das mulheres que não tendo ajuda do ex-companheiro e se vendo abandonadas, após longos anos de vida em comum, vislumbraram no tráfico, por ser mais rápido e mais acessível à solução dos problemas financeiros. Outras, sem qualquer capacitação, fora do mercado de trabalho, não conseguiam emprego, mas, conseguiram “trabalho” (...). Em número menor, se concentra as que relatam o envolvimento com tráfico por amor a traficantes, e uma minoria contam serem vítimas de golpes e se dizem inocentes. (MISCIASCI, 2010: 1).

Visto que o tráfico de drogas constitui uma das principais razões para a prisão de mulheres (CORTINA, 2015). O que leva essas mulheres a entrar para a vida do crime? Quais são as suas histórias? Apontamos para o fato relevante de que a maior incidência de delitos em termos de responsabilidade e comando na rede do tráfico de drogas é direcionada aos homens.

Como o tráfico é, indiscutivelmente, reconhecido como uma atividade masculina, participar dele dá às mulheres traficantes a possibilidade de se distinguir de outras mulheres. Elas se tornam visíveis (diferentes de outras) ao desempenharem tarefas reconhecidas como masculinas. (BARCINSKI, 2012: 53)

Assim, não há como negar que essas questões precisam ser mais bem exploradas a partir de novas pesquisas. É importante que essas histórias sejam analisadas, de modo que possamos expor a realidade vivida por esse grupo específico de mulheres e suas histórias.

A ideologia do patriarcado está presente ao longo do processo de formação do Estado brasileiro, desde o Brasil colônia. O homem era considerado o chefe da família, subjugava sua conjugue, exercendo sobre ela posse integral, tanto na esfera pessoal quanto na esfera social. Para muito além do âmbito doméstico, a desigualdade de direitos entre homens e mulheres era afirmada nos códigos civis e penais durante a Colônia. Esse contexto de ideias tem suas raízes no patriarcado da Grécia Antiga. Assim, esse período de supremacia do patriarcado permaneceu por vários séculos, deixando resquícios bem delineados ainda no século XXI.

A mulher é relegada ao ambiente privado, passando a servir seu marido em todos os seus desejos, a ser um instrumento de reprodução da força de trabalho; a direção da casa passa às mãos do homem. Tal condição da mulher esteve fortemente presente nas sociedades gregas nos tempos heroicos e clássicos de tal sociedade. Possível perceber o poder exclusivo masculino na sociedade grega pela presença da família patriarcal datada daquela época. (LOP, 2009: 240)

A criação das leis e a expansão do cristianismo contribuíram, em vários sentidos, ao atribuir a posição de subordinação à figura feminina, estabelecendo um conjunto de regras de conduta às quais as mulheres deviam se submeter para ter sua alma pura. Assim, a mulher deveria se portar de forma subordinada à figura masculina, caso contrário seria um ser impuro e pecador.

O patriarcalismo, ainda hoje existente no Brasil, teve sua raiz plantada com a instituição do patriarcado na época do Brasil colônia, servindo de base para a nossa sociedade ao longo dos anos. Devemos atentar para não cometermos o erro do anacronismo, pois a

vinda da Família Portuguesa instaurou tal cultura no Brasil como fato comum e aceitável, isso para aquela época, já que os parâmetros que conduziam aquela sociedade eram outros.

Nesse contexto, o casamento era a principal forma de dominação e controle da mulher. A figura da mulher submissa, obediente e domesticada era profundamente agradável aos olhos do patriarca, num casamento em que em grande parte das vezes, a mulher era sujeitada a casar contra a sua vontade, e deveria também ser sujeitada a castigos, caso não fossem obedientes a seus maridos.

Os trechos a seguir foram extraídos de elementos jornalísticos produzidos em diferentes períodos da história:

(...) Acompanhe-o nas opiniões (...) quanto mais você for gentil, tanto maior será a importância de seu espírito no conceito dele. Esteja sempre ao seu lado, cuidando dele, animando-o (...) reconhecendo seus gestos e desejos. (Jornal das Moças. 27/10/1955)

A mulher tem uma missão a cumprir no mundo: a de completar o homem. Ele é o empreendedor, o forte, o imaginoso. Mas precisa de uma fonte de energia (...) a mulher o inspira, o anima, o conforta (...) a arte de ser mulher exige muita perspicácia, muita bondade. Um permanente sentido de alerta para satisfazer às necessidades dos entes queridos. (O Cruzeiro. 15/03/1958)

Marcela Temer é uma mulher de sorte (...) Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (...) Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. (Revista Veja, 18/04/2016).

Os trechos demonstram que podemos encontrar muitos resquícios do patriarcado na literatura em geral, ao longo das décadas. Trechos esses que ligam a mulher ao papel de subordinação a figura masculina. Com isso, podemos observar que os “valores tradicionais” são tão fortes que não foram passíveis de ser facilmente abandonados até os dias atuais.

Compreendemos que as reportagens corroboram a necessidade de mais debates acerca da dominação do homem. Com o passar dos anos ocorreram movimentos importantes no sentido de que as mulheres estão ousando adentrar outros papéis sociais que fogem à regra da mulher subordinada.

2 – GÊNERO E CRIMINALIDADE

A expansão do capitalismo traz outras questões importantes quando se trata da concepção patriarcal. A família ganha maior rigidez ao se tornar responsável por “fornecer

trabalhadores ao mercado capitalista, incumbindo as mulheres ao “cargo” de produtoras destes trabalhadores e “educadoras” dessa força de trabalho” (SILVA, 2017: 13). Nesse contexto de ideias é dada ênfase de que a mulher é atribuído o papel de cuidar e servir a família.

As relações de poder construídas manifestam essa correlação de questões centralizadas no controle e na opressão da figura feminina. Essa construção cria a condição da existência de um dominador e um dominado, que se encontra entre perspectivas que ainda estão fortemente impregnadas nas relações e âmbitos político, sociais, culturais e sexuais ainda hoje.

(...) o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhe são imanentes; são os efeitos imediato das partilhas, desigualdades e desequilíbrio que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações”. (FOUCAULT, 1999: 89)

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1980: 09) a famosa frase da escritora francesa Simone Beauvoir retrata que a condição da mulher não é uma condição biológica, mas socialmente imposta no decorrer da sua vida. Os papéis sociais demarcam a existência desse conjunto de construções entre dominador e dominado, isto é, as condições, perspectivas e posturas determinadas que foram direcionadas a homens e mulheres durante séculos.

Assim, ao discutir as questões gênero nos referimos à construção das identidades subjetivas de homens e mulheres, tal como vimos no tópico anterior, entre relações hierarquizadas de poder. Os homens eram os responsáveis pelo papel de provedor da família, enquanto as mulheres ficaram por muitos anos aprisionados a um papel socialmente imposto, que era ser dona de casa, esposa e mãe.

Partindo de uma definição antropológica podemos delimitar que gênero é “a forma culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade, e que se manifesta nos papéis e status atribuídos a cada sexo e constitutivos da identidade sexual dos indivíduos” (FERREIRA, 1999).

Desde o período compreendido pela história tradicional como antiguidade, a mulher é tratada como inferior ao sexo masculino, seja por crenças religiosas, ou então pelo físico, eram consideradas frágeis e incapazes de executar tarefas designadas aos homens que as tratavam muitas vezes como um objeto de sua propriedade. Essa visão é conhecida como desigualdade de gênero. (SCHUSSLER e FABRICIO, 2017: 1)

Sobre a temática em questão, adentramos um dos pontos fundamentais quando tratamos das palavras-chave mulher e criminalidade. Conforme as palavras de Zaluar (1993) “a mulher verdadeira do bandido é aquela que, junto com a mãe e as irmãs, o ajuda na hora do sufoco, quando está na prisão e precisa de dinheiro, advogado, roupas, comida e tudo mais”. Contudo, as pesquisas ainda evidenciam a perspectiva do personagem “a mulher de bandido” como importante categoria de análise no que se refere às questões de gênero e a invisibilidade das mulheres no tráfico. Nesses e em muitos outros contextos a figura feminina é constantemente invisibilizada e subalternizada.

Ao nos direcionarmos a questão da mulher no mundo do crime, colocamos em pauta a relação específica entre homens e mulheres no mundo do crime. Essa questão perpassa pela perspectiva de que a criminalidade feminina ainda é considerada irrelevante quando relacionada aos crimes cometidos por homens, principalmente pelo fato estrutural de serem marcadas pela perspectiva masculina ou em grande parte das vezes, iniciadas no contexto da relação homem x mulher.

Claramente houve uma mudança nos crimes cometidos pelas mulheres (ESPINOZA, 2004) quanto ao que era constantemente verificado, quando a criminalidade feminina estava geralmente direcionada a fatores passionais, Espinoza em 2004 vai afirmar que havia um índice maior de mulheres condenadas por crimes como tráfico de entorpecentes, roubos, sequestros, homicídios, entre outros. A autora também vai afirmar que os crimes cometidos pelas mulheres se desvinculam da categoria gênero; que o que antes era sabido que os crimes femininos estavam ligados à figura masculina como cortina de fundo, agora se encaixa em uma nova categoria chamada “criminalidade de pobreza”;

Houve mudanças na conduta delitiva das mulheres. Os crimes cometidos por elas não mais se encaixam nos denominados ‘delitos femininos’ – infanticídio, aborto, homicídio passional – pois se deu um incremento nos índices de condenação por crimes de tráfico de entorpecentes, roubos, sequestros, homicídios, entre outros (...) Portanto, a conduta delitiva que tem mulheres como sujeito ativo adquiriu uma conotação desvinculada da categoria de gênero para se alinhar no que pode se chamar de ‘criminalidade de pobreza. (ESPINOZA, 2004: 126-7)

Dessa forma, o sofrimento social é mais especificamente direcionado, na maioria das vezes, as populações socialmente excluídas ligadas em geral a violência, miséria e em muitos outros contextos de exclusão social. Observamos diariamente um crescente contingente de jovens mulheres que tem traçado uma fuga da invisibilidade social, historicamente excluídas de um sistema de opressão que vem negando as necessidades e direitos básicos, tais como: educação, proteção e trabalho.

Nesse contexto de ideias, cabe o seguinte questionamento: Optar pela vida no crime torna essas mulheres visíveis, de alguma forma? De acordo com Barcinski (2012) isso vai de encontro ao poder e status adquiridos na vida criminosa. A autora aponta para a perspectiva de que “causar medo nas pessoas, através da associação com facções criminosas e da ostentação de armas ou tornar-se parte das estatísticas acerca da violência urbana são formas de adquirir visibilidade, mesmo que carregada de conotações e sentimentos negativos”.

Os estudos de Barcinski (2012) também apontam para o fato de que os crimes cometidos por mulheres tendem a ser invisibilizados e pouco abordados no âmbito social e acadêmico, pois dentro deste contexto figura a visão de que a mulher transgrediu as condutas de fragilidade e docilidade que lhes são atribuídas, sem apreender, no entanto, as possíveis capacidades de uma natureza agressiva individual.

Quando tratamos da participação feminina no tráfico de drogas, a questão da invisibilidade como motivadora de comportamentos criminosos ganha contornos peculiares. Como o tráfico é, indiscutivelmente, reconhecido como uma atividade masculina, participar dele dá às mulheres traficantes a possibilidade de se distinguir de outras mulheres. Elas se tornam visíveis (diferentes de outras) ao desempenharem tarefas reconhecidas como masculinas. A saída da invisibilidade, no caso das mulheres envolvidas no tráfico, se dá principalmente pela diferenciação, pela afirmação de um poder antes exclusivo dos homens e pelo reconhecimento externo desse poder. (BARCINSKI, 2012: 53)

Nesse sentido, colocamos em pauta o conceito da “invisibilidade social feminina” para enfatizar a estruturação do poder masculino na sociedade patriarcal em que vivemos. A esse respeito, como bem salienta Barcinski (2012: 53) “ao ignorar as especificidades dos crimes cometidos por mulheres, a própria literatura atesta ou reforça a invisibilidade feminina no que se refere aos fenômenos sociais da violência e da transgressão”.

A perspectiva do machismo patriarcal ainda reserva e determina a visibilidade da mulher na sociedade deixando rastros que podem ser facilmente observados. Há então um

conjunto de regras ditadas pela figura masculina, pois nesse campo de ideias, a simbolização da mulher “fiel” é colocada em pauta constantemente no sentido de satisfazer as demandas criadas pelo homem, isto é, suas necessidades.

A subordinação às regras do homem são questões que aparecem na literatura relativa ao tema. Nesse sentido, a maioria dos casos, ainda aponta para a perspectiva de que a mulher deve seguir os princípios articulados pela figura masculina. Barcinski (2012) analisa que essa parceria tem regras bem delimitadas ditadas pela figura masculina. A simbolização da mulher “fiel” é colocada em pauta constantemente no sentido de satisfazer as demandas criadas pelo homem, isto é, suas necessidades.

Apesar do sofrimento acarretado pela associação com um parceiro criminoso, incluindo o seu potencial comportamento violento, a mulher deve permanecer ao seu lado, atendendo-o em suas necessidades, especialmente na circunstância do encarceramento. Mesmo quando mantém relações afetivas e sexuais com outras mulheres fora da prisão, o homem encarcerado tem o direito de cobrar fidelidade de sua parceira permanente (a “fiel”, como é conhecida nas favelas do Rio de Janeiro) e de demandar sua presença, dinheiro e favores para tornar sua vida mais fácil na prisão. É importante salientar como a identidade dessa mulher está construída – legitimando os discursos hegemônicos acerca do feminino – em torno da sua capacidade e dever de servir aos outros, atendendo constantemente às necessidades daqueles ao seu redor. (BARCINSKI, 2012: 55)

De acordo com a autora essa questão perpassa pela essencial perspectiva de que a criminalidade feminina ainda é considerada irrelevante quando relacionada aos crimes cometidos por homens. O discurso teórico relativo ao tema é, então, constantemente generalizado, principalmente pelo fato estrutural de ser marcado pela perspectiva masculina (NOVAES, 2010). Nesse sentido, a autora se direciona ao fato de que a criminalidade masculina e feminina estão diretamente interligadas, no que se refere a maioria dos casos estudados.

A análise da criminalidade feminina está intimamente relacionada à criminalidade masculina. Além disso, as particularidades do envolvimento feminino em tais atividades ficam obscurecidas por dados estatísticos que atestam para uma relevância periférica dos crimes cometidos pelas mulheres. Tais crimes teriam, portanto, uma gravidade, uma consequência social reduzida, quando comparados aos crimes perpetrados por homens. (BARCINSKI, 2012: 53-55)

A pesquisa de Barcinski (2012) traz elementos importantes sobre como as mulheres assumem suas identidades e histórias e evidenciam a perspectiva do personagem “a mulher de bandido” como importante categoria de análise no que se refere às questões de gênero e a

invisibilidade das mulheres no tráfico. A pesquisa da referida autora ainda apresenta dois importantes pontos de análise coletados a partir de entrevistas com 2 (duas) ex-traficantes. Ao serem perguntadas sobre suas trajetórias na vida criminosa, no que se referem em questão, as vantagens adquiridas em suas participações no tráfico mencionaram não só o fato de “serem reconhecidas como bandidas”, mas também de “serem mulheres diferentes”.

Além do reconhecimento do papel subordinado em relação aos seus parceiros, os relatos das mulheres encarceradas atestam para a aquisição de poder e status social como motivadores do ingresso feminino no tráfico de drogas. Como o tráfico é uma atividade reconhecidamente masculina, ter sido traficante concede a elas um poder que é socialmente reconhecido como prerrogativa masculina. Portanto, a atividade criminosa retira essas mulheres da invisibilidade que marca suas vidas, através da associação com tarefas e características masculinas. Atestando a relevância do poder adquirido como traficante como motivador de trajetórias criminosas, as mulheres citam o prazer em carregar armas, entrar em confrontos com facções rivais ou com a polícia e, especialmente, subjugar outras mulheres percebidas como mais fracas. (BARCISNKI; CAPRA-RAMOS; WEBER & DARTORA, 2013: 89).

O que buscamos neste artigo é evidenciar que na contemporaneidade há uma nova motivação para a investida da criminalidade feminina, não só a pobreza cumpre um papel como fator motivacional, mas também a busca para o empoderamento feminino, seja financeiro ou de gênero (confirmaremos adiante em entrevistas realizadas com mulheres envolvidas na criminalidade).

3 – MULHERES NO TRÁFICO

Optamos por compreender esses movimentos buscando uma contextualização mais estrita por meio de entrevistas com mulheres que tiveram algum envolvimento com o tráfico de drogas, para melhor entender como estas definiram sua trajetória na rede do tráfico. Esta pesquisa toma forma a partir do exercício de escuta de mulheres que adentraram a vida do crime. Pesquisa feita no campo de uma das principais comunidades do município de Duque de Caxias, comunidade Parque das Missões, localizado na região metropolitana do Rio de Janeiro.

O tráfico de drogas faz parte do cotidiano dessas comunidades. Algumas, em maior ou menor escala, constituindo-se como instituição capitalista e burocrática instituída primordialmente a partir do domínio territorial, alianças, estratégias de defesa e ataque e hierarquia. Trata-se de um sistema estruturado constantemente demarcado por disputas e relações de poder.

À medida que nos familiarizamos com o esse universo, vemos que a relevância da temática vai de encontro à necessidade de contribuir para a compreensão dos fatores que levam as mulheres a participação no tráfico na Baixada Fluminense, visto que, ainda há falta de estudos voltados a essa temática nos municípios.

A referida comunidade e as mulheres que moram na presente localidade se tornam o campo da pesquisa por fazer parte do cotidiano do local de trabalho de uma das autoras. O contato com essas mães se desenvolveu mediante atuação de uma das pesquisadoras como professora em uma creche, situada na comunidade Parque das Missões, do município de Duque de Caxias. As histórias dessas mulheres permeiam todo o cotidiano da creche e das crianças da comunidade em questão, de modo que, são as histórias e trajetórias de vida das mães de muitos alunos que influenciaram na escolha do tema da presente pesquisa.

A proposta do presente estudo foi apresentada a estas mulheres mediante a perspectiva do total sigilo de seus nomes e aspectos que identifiquem suas identidades. As entrevistas foram realizadas nos meses de setembro e outubro contando com roteiro semi-estruturado, contendo perguntas direcionadas às características pessoais e criminais das entrevistadas, tais como: idade, grau de escolaridade e, mais especificamente, sobre o envolvimento dessas mulheres com o tráfico. Suas histórias, função que desempenhavam, suas motivações e seus desafios como mulher nas comunidades. O que significava a vida no tráfico de drogas para essas mulheres? Essa é apenas uma das questões que permeiam o presente trabalho.

A aplicação das entrevistas ocorreu durante o segundo semestre de 2018, em uma das principais comunidades do município de Duque de Caxias. Entrevistamos o total de 7 (sete) mulheres que mantêm ou mantiveram envolvimento com o tráfico de drogas. As Entrevistas se deram através de um roteiro de perguntas para determinamos questões importantes como gênero, cor/etnia, dinâmica familiar, entre outros, com o objetivo de que as entrevistadas pudessem contar um pouco de suas histórias e suas percepções sobre a vida no tráfico de drogas, como mulheres. Não se tratando de desenhar um panorama pronto e acabado desse cenário que envolve mulheres, tráfico de drogas e vulnerabilidade social.

A realidade dessas mulheres é de que todas se envolveram ainda jovens no tráfico de drogas, sendo cada uma delas com suas particularidades e causas que a impulsionaram a optar ou não por viver em uma vida de criminalidade, algumas por vulnerabilidade social, outras por vulnerabilidade financeira, já outras por alegar que não conhecer outro modo de viver já

que foi criada nesse meio de crimes *“Tudo começou porque meu pai e minha mãe já eram envolvidos. Eles não me induziram a isso, meu pai mesmo nunca quis que eu entrasse nesse caminho. Mas quando eles foram presos eu acabei me envolvendo com o X, que também era traficante”*.

A rede do tráfico de drogas representa, para muitos jovens, diante de suas dificuldades relacionais, sociais e econômicas, umas das poucas possibilidades de inserção e de um sentimento (ainda que ilusório) de pertencimento a um grupo. A inserção na atividade propiciaria aos jovens o alcance do que descreve-se como uma “visibilidade perversa”, estabelecida através da violência e da prática infracional. (BARCINSKI, 2012:53)

Seguindo a primeira questão do roteiro de entrevista, iniciamos a conversa pedindo que as entrevistadas relatassem sobre suas infâncias.

Elsa: *“Minha infância foi boa até certo ponto. Meu pai é pedreiro e minha mãe costureira. Tenho 5 irmãos. Estava tudo muito bem até que o governo “desativou” o local onde morávamos (em outra comunidade). Tivemos que nos mudar pra cá e a vida aqui não foi nada fácil.”*

Ana: *“Minha infância até que foi boa. Bom, em partes... Só sentia falta dos meus pais quando eles tinham que ficar foragidos. Eu e meus irmãos ficávamos com a minha avó”.*

Tiana: *“Minha infância foi bem sofrida. Meus pais tiveram 11 filhos. Com isso, passamos por muitos problemas. Alguns dos meus irmãos se envolveram nessa vida (se referindo ao tráfico de drogas)”.*

Ariel: *“Meu pai era alcoólatra, vivia fazendo “bicos” e minha mãe dona de casa. Lembro que tudo sempre foi muito difícil, pois meu pai só sabia beber”.*

Aurora: *“Tive uma infância muito boa” Estudava... brincava. Minha família sempre me apoiou muito. O negócio foi ter me envolvido muito cedo nesse mundo”.*

Jasmine: *“Minha irmã se envolveu com o tráfico muito cedo. Mas apesar disso, estudei nas melhores escolas. Meu pai sempre trabalhou e minha mãe é dona de casa, só que o irmão dela (o tio mora fora do Brasil) enviava dinheiro sempre que nós precisávamos”.*

Bela: *“Nasci em Recife. Minha mãe teve 10 filhos. Viemos para o Duque de Caxias (RJ) quando eu tinha 3 anos. Meu pai era pedreiro e minha mãe era empregada doméstica. Nossa família era grande, mas a gente vivia bem, a medida do possível”.*

Na análise dos trechos acima podemos destacar que a maioria das entrevistadas relatou ter sofrido dificuldades financeiras em suas famílias, na infância. Elsa, por exemplo, destaca que perdeu a casa por conta de problemas estruturais, tendo que buscar abrigo na comunidade em questão. Bela também ressalta grandes dificuldades ao passo que sua família decidiu se mudar de Pernambuco para o Rio de Janeiro, com o objetivo de uma vida melhor. No geral,

também ressaltaram que vem de famílias com muitos irmãos. Outro fator que chama a nossa atenção é o fato de que seus pais trabalham com serviços informais (pedreiros, costureiras, etc).

As entrevistadas atrelam direta e indiretamente uma série de fatores que as levaram ao mundo do crime: o constante apelo do tráfico nas comunidades, a necessidade de dinheiro para cuidar dos filhos, o desejo por poder e/ou status. Um dado relevante foi a influência de familiares, que já eram traficantes desde da infância dessas mulheres e observa-se outro o fator determinante na fala de todas elas é que o ingresso no tráfico de drogas se deu por intermédio de uma figura masculina, tenha sido ela pai, irmão ou namorado.

A literatura em criminologia aponta para o papel central dos homens – especialmente os parceiros afetivos – na iniciação de mulheres em atividades criminosas. Dessa forma, a análise da criminalidade feminina está intimamente relacionada à criminalidade masculina. (BARCINSKI, 2012: 53)

Nesse contexto de ideias, entramos com as perguntas relativas à categoria de gênero, questionando as entrevistadas se elas observavam a existência diferenciada no tratamento entre homens e mulheres no tráfico de drogas e como elas analisavam a forma com que ambos eram tratados:

Elsa: *“Existe diferença sim. Tem muito homem que quer crescer em cima da gente - esculachar - Mas nós não deixamos barato não”.*

Ana: *“Sim, os homens acham que podem mandar em tudo. Nós podemos fazer o mesmo trabalho que eles sim, mas se você tiver parente envolvido fica melhor. Eu sou mais respeitada porque eles sabem quem é meu pai e minha mãe, mas de vez em quando eu vejo uma ou outra ser esculachada”.*

Tiana: *“Tem muito homem se achando melhor que a gente, nessa p... Tem que trabalhar muito pra ganhar a confiança dos chefes, sabe? Serve pra homem e mulher – tem que andar na linha”.*

Ariel: *“Não vejo diferença entre homem e mulher aqui não. Tem que fazer o certo, sabe? Nós temos que mostrar que podemos fazer o trabalho. A mulher tem que ter pulso firme”.*

Aurora: *“Não vejo diferença entre homem e mulher no movimento, mas ajuda no respeito se você tiver parente...marido... no ramo. O tratamento é outro, né?”.*

Jasmine: *“Vou falar o que eu vejo aqui – eu acho que o tratamento é diferente sim. Os homens estão tudo no controle. Quem disser que não, tá mentindo”.*

Bela: *“A mulher só é tratada de forma diferente se ela deixar. Basta ter disposição. A gente se sente o máximo – é isso que dá o poder”.*

O discurso da maioria das entrevistadas aponta para a existência de um tratamento diferente entre homens e mulheres no tráfico de drogas, no qual os homens tentam subjugar-las por serem mulheres e que para tal não venha acontecer elas tem que se impor. Relatam também que mais fácil serem respeitadas e se impor quando há existência de parentes ou companheiro envolvidos também no tráfico, ou seja, uma figura masculina por detrás para lhe trazer certa “segurança”.

As entrevistadas destacaram alguns pontos que caracterizaram suas trajetórias no tráfico de drogas. O que emergiu das indagações foram, especificamente, o lado bom e o lado ruim do envolvimento com a atividade criminosa. As entrevistadas ressaltam a questão do status do dinheiro ao mencionarem ter conseguido oferecer maior conforto para os filhos e familiares, comprarem a casa própria, entre outros. E os momentos em que sofreram punições ao serem presas pelas atividades criminosas.

Das 7 (sete) entrevistadas apenas 2 conseguiram se desligar da vida do crime. As demais ressaltaram o fato de que ainda não conseguiram sair do tráfico, especificamente, por não terem visão do que poderiam fazer fora da atividade criminosa. Por fim, pedimos que as entrevistadas relatassem quais eram as suas expectativas e sonhos para o presente e para o futuro.

Elsa: *“Sei lá, só Deus sabe!”.*

Ana: *“Meu pai e minha mãe voltar ao comando”.*

Tiana: *“Ir à Bahia para ver meus filhos”.*

Ariel: *“Essa vida não deixa a gente sonhar muito alto... Então, nenhuma (expectativas), né?!”*

Aurora: *“Ver meu marido fora da cadeia”.*

Jasmine: *“Eu conseguir me afastar daquela vida. Agora só penso em estar do lado dos meus filhos. Quero dar um bom futuro pra eles”.*

Bela: *“Eu quero ser feliz com a minha família e ver meus netos crescerem”.*

As respostas das 5 entrevistadas que permanecem envolvidas em atividades relacionadas ao tráfico de drogas revelam determinado medo de pensar no futuro,

principalmente pelas consequências a que já foram expostas por atuarem no tráfico de drogas. O rumo dos discursos vai de encontro a tudo que o tráfico tirou delas: o contato com as famílias, maridos e pais presos, a falta de expectativas e sonhos por vivenciarem uma realidade de constantes riscos.

Entendemos que é preciso pensar em políticas que atuem com vistas as transformação desses cenários que estão imersos pelo quadro de desigualdade e vulnerabilidade social. Enfim, estamos diante de um cenário em que não se podem deixar de lado os altos índices de aprisionamento feminino nas comunidades do Rio de Janeiro. É preciso pensar e lutar pela entrada do serviço social nas comunidades da Baixada Fluminense, criando e/ou construindo meios e forças que mostrem a essas mulheres que elas podem seguir outros caminhos. Ao contrário disso no momento o presenciamos é as estatísticas de mulheres como estas, presas a rede do tráfico de drogas, sendo mortas ou encarceradas.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão em que focamos vai de encontro a não somente o que as categorias de gênero, classe, cor/etnia e situação socioeconômica dessas mulheres, mas especificamente ao que elas têm a dizer sobre suas condições como mulheres moradoras de uma comunidade da Baixada Fluminense.

O tráfico representa inicialmente um aporte financeiro que se atrela a perspectiva de um poder nunca antes experimentado por essas mulheres. De certo, não podemos dar conta de soluções concretas, mas destacamos a grande necessidade de políticas de proteção, programas educacionais e assistência social as crianças e adolescentes dessas comunidades, visto que, como pudemos constatar, essas mulheres têm adentrado ao mundo do crime ainda na adolescência.

A análise de dados da pesquisa trouxe elementos que caracterizam a realidade dessas mulheres, na Baixada Fluminense. Seja pelo envolvimento com homens envolvidos no narcotráfico ou por influência de familiares ou pela necessidade de dinheiro supostamente fácil, há clareza que essas mulheres foram invisibilizadas socialmente desde seu nascimento, seja por sua, cor, educação precária ou seu meio e/ou classe social.

Por fim, analisamos que a dinâmica abordada pelo Serviço Social deve estar aberta a compreensão dos mais variados problemas sociais existentes no âmbito social, assim como nos propomos na presente pesquisa.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J. C. S. **Baixada Fluminense**: Reconfiguração da violência e impactos sobre a Educação. Movimento - revista de educação - FEUFF-PPGEUFF. v. 2, n. 3. Duque de Caxias, 2015.

BAQUERO, R. V. A. **Empoderamento**: Instrumento de Emancipação Social? - Uma Discussão Conceitual. Revista Debates, v. 6, n. 1, Porto Alegre, 2012.

BARCINSKI, M. **Mulheres no tráfico de drogas**: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina. Contextos Clínicos. v. 5 n. 1, São Leopoldo, 2012.

BARCINSKI, M. CAPRA-RAMOS, C. DARTORA, T. WEBER J. L. A. **O Marianismo e a vitimização de mulheres encarceradas**: formas alternativas de exercício do poder feminino, Ex aequo, v.s/v, n.28, Porto Alegre, 2013.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIJOUX, A. Antipatriarca. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RoKoj8bFg2E>> Acesso em 02 de junho 2018.

CHAVES, M. **Casal ventoso**: da gandaia ao narcotráfico. Imprensa de Ciências Sociais: Lisboa, 1999.

CORTINA, M. C. **Mulheres e tráfico de drogas**: Aprisionamento e Criminologia Feminista. Estudos Feministas. Revista Estudos Feministas, v.23, n.3, Florianópolis, 2015.

ESPINOZA, O. **A mulher encarcerada em face do poder punitivo**. São Paulo, IBCCrim, 2004.

FERREIRA, A. **Novo Aurélio do século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRICKMANN, N. C. **Hannah Arendt e a condição humana**: era moderna e alienação política. Monografia de Direito. Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

GUARESCHI, P. Jovchelovitch S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis, 2000.

IAMAMOTO, M.V. **Serviço Social em tempo de Capital Fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 3ed. São Paulo: Cortez, 2008: 160.

LIRA, T. S. V. **O sentido do trabalho infantil doméstico**: particularidades e contradições na esfera da reprodução social nas economias periféricas dependentes. Tese de Doutorado em serviço social. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016: 51.

LOP, E. **Condição da mulher como propriedade em sociedades patriarcais**. Visão Global, v. 12, n. 2, Joaçaba, 2009: 240.

MAGALHÃES, Mario. **O narcotráfico**. São Paulo: Ed. Publifolha, 2000.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1992.

MISCIASCI, E. **Por que tantas mulheres no tráfico?** Revista de variedades, Projeto Zap (Zelo, Amor e Paz), s/v, s/n, Califórnia, 2015: 01. Disponível em: <www.eunanet.net/beth/news/topicos/mulher_narcotrafico.htm>. Acessado em: 02 de setembro de 2018.

NASCIMENTO, L. C. S. **A (In)visibilidade da mulher criminosa e a desigualdade de gênero no espaço da prisão**: Uma análise da vivência das mulheres em situação de prisão no complexo penal estadual agrícola Dr. Mário negócio em Mossoró/ RN, Revista Transgressões Ciências Criminais em debate, 2012: 182.

NOVAES, E. C. **Surdos**: educação, direito e cidadania. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

OUTHWAITE, W. BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996: 161.

PERROT, M. **Os excluídos da história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010: 168.

PISCITELLI, A. **Recriando a (categoria) mulher**. Disponível em: <<http://www.culturaegennero.com.br/>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

SANTOS, I. N. N. B. **O tráfico de drogas como meio de inclusão para jovens excluídos e subintegrados em uma semântica social de consumo**. Graduação do Curso de Direito. Faculdade Sete de Setembro. Fortaleza, 2016.

SARTI, C. A. **O jovem na família**: o outro necessário. In R. Novaes & P. Vannuchi (Org.), Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHUSSLER, B. S.; FABRICIO, A. R. **Desigualdade de Gênero**. Mostra Interativa da Produção Estudantil em Educação Científica e Tecnológica. Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/moeducitec/article/view/8418>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

SILVA, G. K.S. **Patriarcado e desigualdade de gênero**: dificuldades e desafios no enfrentamento à violência contra a mulher. Trabalho de Conclusão de curso de Serviço Social. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2017.

ZALUAR, A. **Mulher de bandido**: crônica de uma cidade menos musical. Revista Estudos Feministas, v. 1, n.1, Florianópolis,1993.